

Vítor Oliveira Jorge

[Coordenador]

# CONSERVAR PARA QUÊ?

**8ª Mesa-redonda de Primavera**

*Realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
nos dias 26 e 27 de Março de 2004*

PORTO-COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Departamento de Ciências e Técnicas do Património  
Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto  
(Fundação para a Ciência e a Tecnologia)  
2005

**Coordenador:**

Vitor Oliveira Jorge  
Professor catedrático do DCTP da FLUP  
E-mail: vojsoj@sapo.pt

**Edição e Propriedade:**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP)  
Via Panorâmica, s/n.  
4150-564 Porto – Portugal  
E-mail: dctp@letras.up.pt

e

Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP)  
(Fundação para a Ciência e a Tecnologia)  
Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras  
Instituto de Arqueologia  
Rua de Sub-Ripas  
3000 Coimbra  
E-mail: ceaucp@ci.uc.pt

**Composição, impressão e acabamento:**

Litografia A.C.  
Rua Conselheiro Lobato, 179  
4705-089 Braga  
E-mail: geral@litografiaac.pt

**Tiragem:** 500 exemplares

**Depósito legal:** n.º 220183/04

**ISBN:** 972-9350-87-6

**Capa:** Coliseu de Roma, 1976. Foto de Joaquim Hierro

**Dezembro de 2004**

## SUMÁRIO

<i>Preâmbulo</i> , por Vítor Oliveira Jorge .....	5
<i>Património, neurose contemporânea? Alguns apontamentos sobre o papel da memória colectiva na Idade da Fragmentação</i> , por Vítor Oliveira Jorge.....	13
<i>Informação, cultura e património. Uma abordagem exploratória feita no campo emergente da Ciência da Informação</i> , por Armando Malheiro da Silva.....	27
<i>Conservar para quê? apontamento</i> , por Susana Oliveira Jorge .....	59
<i>Breve nota crítica sobre a introdução da expressão “património intangível” em Portugal</i> , por Manuel João Ramos .....	67
<i>Gestão da Informação/Preservação da Memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário?</i> , por Fernanda Ribeiro .....	77
<i>A conservação do futuro. Morte, Emoção e Estrutura</i> , por Henrique Gomes de Araújo .....	85
<i>Conservar para Nós – Uma arqueologia sobre-moderna na era da simulação</i> , por Gonçalo Leite Velho .....	91
<i>Preservar em rede</i> , por Pedro Malaquias, Diana Amaral & Alexandra Alves .....	103
<i>Dinâmica das sociedades do passado e sua representação presente mote para um desenvolvimento sustentado? (Resumo)</i> , por Conceição Lopes .....	111
<i>A memória da ruína, ou a ruína da memória?</i> , por Ana Cristina Martins .....	113
<i>Da Natureza da Cultura à Cultura da Natureza. Celebrar e preservar o estranho pela apropriação</i> , por Álvaro Campelo .....	127
<i>Plataformas transmunicipais de valorização patrimonial: a rede telenática de associativismo patrimonial e o forum do património do Oeste</i> , por Rui Correia.....	145
<i>Parques, investigação e ordenamento</i> , por Alexandra Cerveira Lima .....	157
<i>População em Áreas Protegidas – Uma Integração Necessária – O Parque Natural do Douro Internacional –</i> , por Maria Teresa Gomes .....	165
<i>Dinâmicas de desenvolvimento sustentado fomentadas pela criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa</i> , por António Pedro Batarda Fernandes .....	183
<i>Parque Paleozóico de Valongo. Preservar porquê e para quê?</i> , por Helena Couto ...	199

<i>Reabilitação de centros históricos e reutilização da cidade: o caso de Porto-Gaia,</i> por José Alberto Rio Fernandes .....	213
<i>A cidade como processo de conservação e de transformação urbana – O exemplo do</i> <i>Parque Oriental da Cidade do Porto/Campanhã,</i> por Fernando Matos Rodrigues.....	231
<i>Recentrocidade – Memória e Refundação Urbana. O Centro Histórico do Porto –</i> <i>O caso do Plano do Centro Cívico do Porto (1916) de Barry Parker,</i> <i>Arquiteto,</i> por Rui Tavares .....	261
<i>Os Centros Históricos e os Seus Territórios – Uma reflexão,</i> por Maria Filomena Barata .....	275
<i>Conservação e Restauro de Estruturas Arqueológicas,</i> por Andreia Machado .....	283
<i>O Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento. Como transformar uma ruína</i> <i>num discurso inteligível para os visitantes?</i> , por João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira & Ana Margarida Vale .....	293
<i>O Centro Interpretativo do Castro de Ovil (Espinho) – A construção de um</i> <i>espago de memória,</i> por Jorge F. Salvador, António Manuel S. P. Silva & Carlos A. Sárria .....	303
<i>Compartimento I da villa romana das Argamassas: problemas que o discurso</i> <i>arqueológico coloca à conservação (Resumo),</i> por Pedro Braga .....	327
<i>Notícia sobre a construção em terra nos nossos dias. Contexto do seu ressurgimento</i> <i>no Baixo Alentejo. Qualidades para o seu uso na conservação do património</i> <i>arqueológico,</i> por Teresa Beirão .....	329
<i>A memória da cidade no Museu da Imagem da C. M. de Braga,</i> por Rui Prata .....	335
<i>Conservação e Desenvolvimento: duas faces da mesma moeda. Um desenvolvimento</i> <i>que passa pela conservação de um património industrial. O caso de S. João</i> <i>da Madeira,</i> por Suzana Menezes & Sérgio Lira.....	345
<i>Património industrial. Que memória?</i> , por Deolinda Folgado .....	355
<i>Todas as memórias de um mundo são atempadas – a diversidade de memórias</i> <i>reconstruídas individual ou colectivamente sobre o microcosmo</i> <i>dos espacos mineiros,</i> por Helena Alves.....	367
<i>Património Inaterial: ainda vamos a tempo? Memórias e artefactos que falam</i> <i>de Chapelaria: património inaterial no Museu da Indústria de Chapelaria,</i> por Sérgio Lira & Suzana Menezes .....	383
<i>Conservar descobrindo,</i> por José Cavaleiro.....	391

## PREÁMBULO

Em todos os tempos se destruiu e se reconstruiu, se esqueceu e se inventou (ou reinventou), se aproveitaram materiais antigos para se fazer coisas novas. Nada há de mais fluído do que a realidade humana, mesmo aquela que se nos quer apresentar rigidificada como tradição “canónica”.

Nunca porém tal transformação se processou a uma escala, num contexto político-económico, e com um tipo de aceleração, como os que hoje se verificam. O alarme justifica-se, e nada tem de “fundamentalismo”, até porque mesmo algum “conservacionismo” também não é mais do que um certo “branqueamento” de verdadeiras destruições, que seriam perfeitamente evitáveis noutra contexto de cultura e civilização.

A nossa paisagem povoa-se de “ilhas” ou “enclaves” “protegidos”, que emergem como verdadeiros “inselbergs” de uma planura de desvastação.

Veja-se, por exemplo, uma cidade como Huelva, com a sua área portuária de La Rábida – verdadeiro inferno de poluição, entre dois paraísos, o Parque natural de Doñana, a leste, e os longos pinhais que fazem fronteira com Portugal (Ayamonte). Ou o Parque Natural de Gatas-Níjar, em Almeria, onde praias “de sonho” e todo um mundo “selvagem” se vêem cada vez mais cinturados pela armação de betão dos empreiteiros, que transformam falésias inteiras em blocos de apartamentos, virados para o mar, quase provocando tonturas em quem os vê. Ou, para nos mantermos num ambiente litoral, mais próximo de nós, a outrora bela e “piscosa” Sesimbra, hoje bairro dormitório de Lisboa, devastado pela avidez do turismo.

De certo modo – sobretudo no litoral, mas não só – foi todo um mundo que a minha geração ainda conheceu, e que certos promotores dessa “indústria”, em muitos casos criminosamente, destruíram. As gerações futuras não farão ideia do que era o Algarve, ou a costa alentejana, ou mesmo o litoral estremenho de outrora. Até porque nem sequer há museus dignos desse nome que testemunhem uma realidade perdida. As armações da pesca ao atum, no mesmo Algarve, estão transformadas em confortáveis equipamentos turísticos. Em princípio, óptimo. Mas, num deles, vimos ao longo de duas décadas apodrecerem lentamente, na areia, belos barcos utilizados naquela faina. Numa primeira fase, algo desmantelados, ainda serviram como “canteiros” de flores. Agora, desfeitos, desapareceram, ou jazem como restos. E isto em pleno Parque Natural da Ria Formosa, onde ainda subsistem algumas das melhores praias da Europa, e onde os vultos das garças ainda se podem ver ao fim da tarde, contra o clarão do poente, no seu passo frágil e gracioso. Porém, sobre outra praia, a que serve a faustosa

Quinta do Lago, os aviões que descem para Faro interrompem permanentemente o silêncio e o sossego de quem ali veranea. Neste país, nem os ricos têm gosto? Ou estamos demasiado habituados a ver passar os aviões sobre as nossas cabeças, como acontece em Lisboa, verdadeira “maravilha” de um aeroporto situado dentro da cidade, onde centenas de aeronaves por dia sobrevoam os telhados do nosso arquivo nacional?... E ainda há pessoas que discutem se se deve ou não fazer um novo aeroporto!

Tudo isso, para não falar das periferias das cidades, autêntico pesadelo sobre o qual estabelecem elaboradas teorias arquitectos que... compararam os seus ateliers nos centros históricos, ou possuem casas com vista para paisagens privilegiadas, longe dos “atascos” de trânsito ou das urbanizações “de luxo” com os vizinhos colados uns aos outros, e rodeados de agentes de segurança.

Os interesses de especulação imobiliária e a facilidade com que se “contornam” instrumentos de planeamento ao sabor de numerosas e poderosas pressões, fazem dos temas de que trata este livro não assuntos meramente “culturais” (?), para delecte e entretenimento intelectual de uma minoria, sempre a queixar-se da sua impotência, mas em questões de cidadania fundamental, generalizada. Portugal, como um todo, precisa de planear o seu futuro (TGV incluído, como exemplo entre múltiplos), pois, de momento, vai numa certa deriva.

É um país sem projecto, uma – mais que nunca – periferia da Europa, que ainda não se refez da perda do ciclo colonial, e não conseguiu impor-se como parceiro autêntico das potências centrais. Não passamos de um exotismo turístico, e de uma porta de entrada para o “primeiro mundo”. A hesitação e o desmoronar parece atingir sectores de decisão relativamente elevados, que, mau-grado muitos técnicos qualificados que a esse nível laboram, se tornaram na sua generalidade irrisórios aos olhos das pessoas comuns. Quanto aos indivíduos mais qualificados, que existem, muitos deles preferem refugiar-se nas suas áreas de actividade, e alhear-se de tão surreal realidade que nos rodeia, como quem espera que um furacão passe para poder ainda ter a esperança de alguns anos de vida decente, num futuro indeterminado. Este estado de espírito é desmobilizador, e precisa de ser vencido a todo o custo, por aqueles que se mantêm lúcidos e não abdicam das suas responsabilidades, mesmo que sejam um simples professor como o que escreve estas linhas e organiza estas mesas-redondas.

Assistimos hoje, por vezes de forma drástica, a transformações da paisagem e do território – quer urbano, quer rural – feitas sempre em nome do “bem público” e do “desenvolvimento”, e onde temos muita pouca capacidade de intervir. Vamos de facto consumado em facto consumado. Vemos a memória dos rios e de paisagens inteiras destruída por mega-barragens. Assistimos à proliferação de construções em áreas protegidas. Gasodutos, estradas, “equipamentos” cortam a direito no mundo que habitamos sem praticamente se preocuparem com nada, e até parecendo ironizar com o sentimento de escândalo dos que estão fora desse processo. Invocam a água, o confort-